

RESENHA

A última guerra romântica (memórias de um piloto de patrulha)

Carlos Roberto Carvalho Daróz ^a

GASTALDONI, Ivo. *A última guerra romântica: memórias de um piloto de patrulha*. Rio de Janeiro: INCAER, 1993.

A obra *A última guerra romântica: memórias de um piloto de patrulha*, de autoria do brigadeiro do ar Ivo Gastaldoni, constitui uma contribuição singular à historiografia militar brasileira, em especial ao estudo da participação da Força Aérea Brasileira (FAB) na Segunda Guerra Mundial, conflito no qual combateu no posto de tenente aviador.

Publicado em um momento no qual ainda escasseiam relatos aprofundados sobre a luta antissubmarino travada no Atlântico Sul, o livro traz à luz uma perspectiva rara e valiosa: a do avia-

dor de patrulha, cuja atuação foi crucial para garantir a segurança das rotas marítimas aliadas. Mais do que um mero testemunho, trata-se de uma crônica estruturada com densidade histórica e sensibilidade narrativa, revelando aspectos operacionais, humanos e institucionais da guerra aérea nos céus do Atlântico Sul.

A narrativa se estrutura em nove capítulos que seguem uma ordem cronológica, iniciando-se com o treinamento do autor nos Estados Unidos da América (EUA) e culminando nos combates finais contra os *U-boats* ale-

^a Coronel de Artilharia, doutor em História. Associado Titular Emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



mães. O livro é, portanto, tanto um testemunho pessoal quanto um registro histórico da fase inaugural da Aviação de Patrulha brasileira. Essa estrutura permite ao leitor acompanhar a evolução da guerra e o amadurecimento dos quadros da FAB em tempo real, bem como observar os elementos táticos e doutrinários que se consolidaram durante o conflito.

Logo no primeiro capítulo, intitulado "Vida de manicaca", o autor descreve com minúcia o rigor e a sofisticação do preparo recebido em solo norte-americano. A experiência nos centros de formação dos Estados Unidos, que incluía não apenas o aprendizado técnico de voo, navegação e táticas antissubmarino, mas também o contato com uma mentalidade

militar distinta, centrada na disciplina operacional e na padronização de procedimentos, foi fundamental para a constituição de uma nova geração de aviadores brasileiros. Gastaldoni oferece um relato envolvente, ao mesmo tempo didático e emotivo, que ilumina o processo de transformação de jovens oficiais em pilotos de guerra. É possível perceber, ao longo do texto, o impacto cultural e profissional que esse intercâmbio provocou na formação da doutrina aérea da FAB.

Além disso, o contato com recursos técnicos e equipamentos de ponta, como os simuladores de voo, os sistemas de comunicação por rádio e os instrumentos de navegação por instrumentos, permitiu aos aviadores brasileiros um avanço sem precedentes em sua capacitação. Isso eviden-



vo, os sistemas de comunicação por rádio e os instrumentos de navegação por instrumentos, permitiu aos aviadores brasileiros um avanço sem precedentes em sua capacitação. Isso eviden-



cia o esforço de modernização e a abertura institucional da FAB ao aprendizado com forças armadas mais experientes, fator essencial para o desenvolvimento de uma doutrina autônoma nos anos posteriores. A obra sugere, ainda que implicitamente, que esse momento de aprendizado foi o embrião de uma mentalidade operacional voltada à interoperabilidade e ao planejamento estratégico integrado.

Nos capítulos seguintes, o autor apresenta um panorama detalhado da emergente guerra submarina no Atlântico Sul. Em "Uma guerra previsível" e "Conheça o inimigo como a ti mesmo", revela-se o cenário estratégico no qual a FAB foi inserida. A compreensão do *modus operandi* da *Kriegsmarine* alemã, especialmente das táticas dos *U-boats*, como o uso de alcateias de submarinos, os ataques noturnos e a busca por pontos vulneráveis nas rotas mercantes, foi essencial para a elaboração das primeiras respostas aéreas brasileiras a essa ameaça. O texto demonstra

como a atuação da Aviação de Patrulha se integrou ao sistema de defesa do Atlântico, operando a partir de bases instaladas no litoral brasileiro, como Salvador, Recife, Natal e Belém. A integração com as forças aliadas, particularmente com a Marinha dos EUA, é um aspecto subjacente que percorre todo o livro, ilustrando como a guerra promoveu um inédito intercâmbio tático e tecnológico no espaço atlântico sul-americano.

É importante destacar o papel geopolítico do Brasil nesse contexto. A posição estratégica do território brasileiro, projetando-se como uma ponte entre os hemisférios ocidental e africano, atribuiu ao país uma relevância singular nas operações navais e aéreas no Atlântico Sul. A atuação da Aviação de Patrulha, portanto, transcendeu o campo militar e posicionou o Brasil como ator-chave na segurança do Atlântico. Gastaldoni, ainda que sem recorrer a análises geopolíticas explícitas, oferece elementos para que o leitor compreenda



essa centralidade estratégica e o papel que as forças armadas brasileiras desempenharam na consolidação de uma nova inserção internacional do país.

Os capítulos "Recursos para o grande salto" e "Operacionalização nos EUA" exploram os desafios logísticos, administrativos e materiais enfrentados pela FAB em sua fase inicial. A aquisição de aeronaves, como os bombardeiros B-18 Bolo e os PBY Catalina, exigiu não apenas negociações diplomáticas, mas também uma rápida qualificação de pessoal para sua operação e manutenção. A instalação de infraestrutura básica nos aeródromos brasileiros, o envio de destacamentos técnicos aos EUA e a coordenação entre comandos aéreos e navais compuseram um cenário de intensa reorganização institucional.

O autor revela que, apesar das deficiências iniciais e da improvisação inevitável, formou-se um núcleo de excelência dentro

da FAB, impulsionado por uma cultura de missão e por um espírito de camaradagem forjado sob a urgência do combate.

A expansão da malha aeroviária militar e a padronização dos procedimentos operacionais criaram as bases para o desenvolvimento de uma doutrina de patrulha marítima nacional. Essa doutrina, centrada na vigilância costeira, no monitoramento de comboios e na neutralização de ameaças submarinas, viria a ser sistematizada no pós-guerra, em manuais e centros de ensino da FAB.

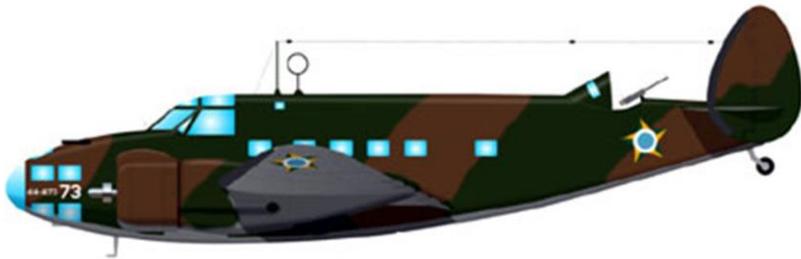
Gastaldoni, com sensibilidade narrativa, antecipa essa construção teórica ao relatar a prática e a inovação que emergiam do cotidiano das missões. O improviso – como o reaproveitamento de peças, o uso criativo do armamento embarcado e a adaptação de táticas às condições climáticas brasileiras – foi um dos alicerces do pensamento doutrinário da nascente FAB.



A partir do capítulo "A estréia Baiana", o leitor é conduzido por uma série de relatos de missões reais de patrulhamento e ataque às embarcações inimigas. Essas operações, muitas vezes realizadas em condições me-

dade entre os tripulantes. A dimensão humana da guerra aparece com força, lembrando ao leitor que cada missão era, antes de tudo, uma experiência vivida por jovens brasileiros colocados diante de um inimigo invisível e

Fig. 1 - A-28A Hudson, da FAB



Fonte: Aparecido Camazano Alamino

teorológicas adversas, em aeronaves limitadas quanto à autonomia e à detecção de alvos, revelam o grau de risco assumido pelos aviadores. Gastaldoni imprime à narrativa um ritmo envolvente, equilibrando o testemunho pessoal com descrições técnicas e operacionais. Os relatos de voo são marcados por tensão, precisão descritiva e, por vezes, reflexões sobre o medo, a responsabilidade e a solidarie-

de um ambiente inóspito.

O capítulo "O patinho feio" é particularmente simbólico. Ao narrar os confrontos próximos à capital do país, o autor desconstrói a percepção de que o Brasil esteve distante dos teatros principais do conflito. A guerra, como demonstra, estava à porta, afetando diretamente a navegação costeira, os portos comerciais e a segurança da população. Os relatos reforçam o argumento de que



a Segunda Guerra Mundial não foi, para o Brasil, um conflito periférico, mas uma experiência que demandou mobilização nacional, reorganização logística e aprimoramento institucional.

Nos dois últimos capítulos, "O embrião se desenvolve" e "Um ano de guerra", Gastaldoni reflete sobre o encerramento das atividades ofensivas e a transição para um contexto pós-guerra.

A conclusão é marcada por um sentimento agrídoce: a vitória contra a ameaça submarina, por um lado, e a dissolução das estruturas provisórias que haviam sido montadas com tão grande esforço, por outro. Há uma percepção clara de que aquele momento foi, de fato, "a última guerra romântica", um confronto no qual o heroísmo individual ainda coexistia com a guerra tecnológica em larga escala.

Ao enfatizar o papel do piloto enquanto sujeito histórico, Gastaldoni reforça o valor da memória como instrumento de reconhecimento institucional e legado nacional.

A relevância da obra transcende o valor memorialístico. Ao documentar com detalhes os primeiros passos da Aviação de Patrulha brasileira, Gastaldoni oferece elementos fundamentais para compreendermos o desenvolvimento doutrinário da FAB. O contato com doutrinas estrangeiras, sobretudo a norte-americana e sua adaptação à realidade brasileira, geraram os primeiros marcos da aviação de patrulha nacional. Essa experiência formadora reverberaria nas décadas seguintes, influenciando a estruturação da aviação militar no país.

A doutrina de patrulha marítima, consolidada com base nos ensinamentos daquele período, continua até hoje a fundamentar as operações da FAB em cenários de defesa do litoral e vigilância do Atlântico Sul.

A guerra antissubmarino representou, portanto, um catalisador do amadurecimento institucional da FAB. A necessidade de desenvolver capacidades autônomas, de articular sistemas de



informação e logística, de formular protocolos operacionais compatíveis com a realidade geográfica do Brasil, e de integrar-se a uma coalizão militar internacional legou ao país uma força aérea mais profissionalizada e integrada.

O livro de Gastaldoni permite ao leitor perceber esse processo em andamento, com todas as suas dificuldades, improvisos e conquistas. O autor destaca, ainda, como a experiência da Segunda Guerra Mundial impulsionou reformas administrativas e curriculares na FAB, que resultaram na consolidação de centros de doutrina, escolas especializadas e uma mentalidade voltada para a defesa estratégica do território nacional.

Em suma, *A última guerra romântica* é leitura obrigatória para estudiosos da história militar brasileira, além de ser um relato envolvente para o público geral interessado na Segunda Guerra Mundial.

A obra alia o rigor factual com a vivência pessoal, ofere-

cendo um testemunho valioso sobre a construção da identidade da FAB e sobre um capítulo pouco explorado da participação brasileira no conflito. Ao registrar as ações da Aviação de Patrulha, Ivo Gastaldoni contribui para o reconhecimento institucional de um segmento das Forças Armadas cuja atuação foi decisiva e, por vezes, esquecida.

Trata-se, sem dúvida, de um livro que merece figurar entre os registros da memória militar nacional e que deve ser valorizado como relato primário e fonte para futuras pesquisas sobre a guerra no Atlântico Sul, a evolução da doutrina aérea e a formação da Força Aérea Brasileira contemporânea.